



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

TAISLAYNE FRAGA DA CRUZ

COPING E COTIDIANO:
Estudo de adolescentes em instituição de acolhimento

LAGARTO/SE – 2018

TAISLAYNE FRAGA DA CRUZ

Orientador: Prof. Sandra Aiache Menta

COPING E COTIDIANO:

Estudo de adolescentes em instituição de acolhimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

LAGARTO/SE – 2018

TAISLAYNE FRAGA DA CRUZ***COPING E COTIDIANO:***

Estudo de adolescentes em instituição de acolhimento

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado como cumprimento das exigências legais da Resolução 36/2011 CONEPE-UFS do currículo do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Lagarto/SE.

Lagarto/SE, _____ de _____ de _____.

Avaliadores:

Prof. Sandra Aiache Menta
Orientador

Prof. Fabiana Carlino
Membro da Banca Examinadora

Prof. Rodrigo Alves dos Santos Silva
Membro da Banca Examinadora

RESUMO:

Família como a instituição base é considerada o principal meio de suporte social para crianças e adolescentes, porém, por diversos fatores nem sempre a família realiza esse papel de suporte. O Estatuto da Criança e Adolescente assegura os direitos fundamentais e medidas de proteção, principalmente para crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade social, com vínculo familiar rompido em que pode ser determinado o acolhimento institucional temporário. Entre os objetivos da proteção social, o amparo a crianças e adolescentes com direitos violados é assegurado e nesse campo a contribuição da terapia ocupacional social no que diz respeito à interlocução social, pode contribuir para a reorganização nas instituições, a partir de enfrentamento da mudança de cotidiano de crianças e adolescentes. Com objetivo de identificar como os acolhidos enfrentar os conflitos cotidianos, o estudo de caso foi caracterizado por três acolhidos de uma mesma família, onde buscou-se compreender os fatores estressores e as estratégias de *coping*. Como resultados de maior ocorrência encontrou entre os fatores estressores: a relação com mãe e padrasto e o desentendimento entre pares, e nas estratégias de *coping*: a atividade agressiva e comportamento de evitação. Infere-se que os adolescentes não saem do posto conflituoso, mas modificam sua condição de conflito. Dessa forma, são necessárias medidas para que os adolescentes desenvolvam estratégias de enfrentamento resolutivas para atingir a construção da autonomia, no qual é a contribuição da Terapia Ocupacional e o impacto social esperado pela instituição de acolhimento para os acolhidos.

Palavras chave: Adolescente; *Coping*; Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Family as main institution is considered the most important means of social support for children and adolescents, however, by several factors not always the family performs this supporting role. The ECA (Child and Adolescent Statute) guarantees fundamental rights and protective measures, mainly for children and adolescents in conditions of social vulnerability, without family bond in which can be defined a temporary institutional support (like a foster care, system). Among the objectives of social protection, the care of children and adolescents that had their rights violated has to be ensured, and in this matter the contribution of Social Occupational Therapy concerning to social interlocution can bring to the person the reorganization in institutions, based on a daily change of children and adolescents. With the purpose of identify how the host families face daily conflicts, this case study was characterized by three hosts from the same family, in which was tried to understand the stressors and coping strategies. As an outcome of higher occurrence was find among the stressors: the relationship with mother and stepfather and the disagreement (conflict) between peers, and among coping strategies: aggressive activity and avoidance behavior. It is inferred that the adolescents do not leave the position conflicted, but modify their condition of conflict. Thus, measures are necessary for adolescents to develop coping strategies to achieve the construction of autonomy, which is the contribution of Occupational Therapy and the social impact expected by the host institution for the host.

KEYWORDS: Adolescent; *Coping*; Occupational Therapy.

COPING E TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS:
Estudo de adolescentes em instituição de acolhimento

COPING AND TRAINING OF SOCIAL SKILLS:
Study of adolescents in host institution

1 INTRODUÇÃO

A terapia ocupacional social vem se construindo desde meados dos anos 1970, com forte participação nos posicionamentos de profissionais que “tornaram-se agentes de mudanças e de transformações institucionais no Brasil” como afirma Barros; Ghirardi; Lopes (2002, p. 96). Entretanto, somente no final dos anos de 1980 e início dos anos 1990 devido à promulgação da nova Constituição Federal (BRASIL, 1988), e os avanços de outros direitos que foram assegurados para grupos populacionais, os profissionais do campo social, inclusive terapeutas ocupacionais, começaram a ter uma aglutinação participativa. Galheigo (2003a, pág. 44) afirma que esse profissional neste campo poderá:

Auxiliar o sujeito, o grupo e a coletividade a compreender suas próprias necessidades e definir suas estratégias de lidar com os conflitos cotidianos, a ressignificar seu fazer e pensar sua ação no mundo, respeitando-se os diferentes momentos e possibilidades dos envolvidos.

Vale ressaltar nesse campo de atuação a importância da contribuição da terapia ocupacional social no que diz respeito à vida cotidiana de crianças e adolescentes em sua interlocução social, histórica e política, contribuindo para a reorganização das instituições, a partir de reflexões sobre autonomia e enfrentamento da mudança de cotidiano (LUVIZARO; GALHEIGO, 2011; ALMEIDA et al., 2013).

Essas contribuições podem ser concretizadas a partir de atividades percebidas, vividas e interpretadas por cada pessoa e/ou grupos que participam e observam, se construindo e reconstruindo pelo propósito de mudança diante os objetivos da atuação, sendo a atividade no campo social segundo Barros; Ghirardi; Lopes (2002, p.102) “um constructo, uma mediação de relações múltiplas, mas situada no tempo e nos espaços culturais [...] trata-se de um conceito que se realiza na experiência e na situação vivida”.

Contudo, por tratar-se de um campo complexo e multidimensional entende-se que deva ocorrer em conjunto com outros profissionais e serviços. Assim, a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, (BRASIL, 1993), afirma como um dos objetivos da proteção social é o amparo a crianças e adolescentes com direitos violados. Os direitos das crianças e adolescentes são assegurados com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, (BRASIL, 1990), (considera as idades de 0 a 12 anos incompletas como crianças e 12 a 18 como

adolescentes).

Por outro lado, Zappe et al. (2013) afirmam que a adolescência é definida como uma fase com características mais amplas, não sendo restritas a apenas modificações físicas, mas sim uma definição mais completa, entendendo a adolescência de maneira global devido sua complexidade biológica, sociais e psicológicas, sendo caracterizada por mudanças e adaptação da infância e da vida adulta.

Sendo assim, com as diversas mudanças presente nessa fase de vida o ECA (BRASIL, 1990), assegura os direitos fundamentais, como: o direito à vida e à saúde, à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, à Convivência Familiar e Comunitária, Família Natural, Família Substituta, à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, à Profissionalização e à Proteção no Trabalho, entre outros; além destes, os direitos a medidas de proteção assegura, principalmente, crianças em estado de vulnerabilidade social ou rompimento dos direitos citados acima. Sendo que, ao romper o vínculo familiar a medida de proteção pode ser o acolhimento temporário institucional.

A família como a instituição base, primeiro local e grupo social de convivência é considerada o principal meio de suporte social para crianças e adolescentes, porém, nem sempre a família realiza esse papel de suporte, o que agregando a fatores sociais pode causar um ambiente de extrema pobreza afetiva, maus-tratos, violência, ou seja, um ambiente de vulnerabilidade social. Sendo a vulnerabilidade de acordo com Malfitano; Bianchi (2013, p.566) tendo como base teórica Castel (1997):

Estado de vulnerabilidade social é produzido na aliança da precariedade do trabalho com a fragilidade dos vínculos sociais, sendo uma categoria capaz de descrever a situação de uma grande parcela da população brasileira.

A institucionalização muitas vezes é levada como um simples conjunto de regras impostas em um determinado grupo de pessoas, dos quais podem apresentar alguns fatores/objetivos semelhantes. Porém, Goffman (1974) afirma que esses locais apresentam características mais específicas que vão de instituições menos fechadas a totais.

As Instituições de Acolhimento – IA são classificadas como atenção de alta complexidade, funcionando 24 horas por dia, em que o impacto social esperado pela IA é a:

Redução das violações dos direitos socioassistenciais, seus agravamentos ou reincidência; Redução da presença de pessoas em situação de rua e de abandono; Indivíduos e famílias protegidas; Construção da autonomia; Indivíduos e famílias incluídas em serviços e com acesso a oportunidades; Rompimento do ciclo da violência doméstica e familiar (Brasil, 2009, p. 36).

Diversos públicos, inclusive crianças e adolescentes são acolhidas em instituições totais denominadas instituições de acolhimento que, apesar de todo cuidado encontrado em

lei, o cotidiano pode perder o significado, tornando-se apenas uma rotina institucional. Como afirma Galheigo (2003b, p.106), “à vida cotidiana permite apreender as criações humanas, as ideias, os valores e sentimentos possibilitando conhecer a própria sociedade” assim, a institucionalização contribui para tornar algo que era significativo para apenas o seguir uma rotina institucional.

Quando há um processo na mudança de cotidiano entre as fases da infância e adolescência pode causar no sujeito o estresse definido por Lipp (1991) como “um conjunto de reações que temos quando algo acontece que nos amedronta, nos irrita, nos excita ou nos faça extremamente felizes” que poderia resultar em uma necessidade dos mesmos encontrarem estratégias de *coping*, que segundo Folkman e Moskowitz (2003) o *coping* é definido como conjuntos de esforços cognitivos e comportamentais que as pessoas utilizam como forma de lidar ou enfrentar situações internas e/ou externas que são estressoras no cotidiano.

Pesquisadores como Band e Weisz; O’Brien e DeLongis; Watson e Hubbard; e Lazarus e Folkman afirmam sobre os diversos modelos de *coping* e de estratégias. Entretanto, uma das psicólogas que continua a pesquisar sobre o tema é a Susan Folkman que apresenta os 4 elementos principais, que são: 1) *coping* é considerado um processo ou interação em que envolve o sujeito e o ambiente; 2) a função do *coping* é de administrar a situação estressora e não tentar controlá-la ou dominar a mesma; 3) o processo de *coping* pressupõe a conscientização de avaliação pelo sujeito envolvido, ou seja, como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado por ele; 4) o processo é caracterizado por ativação de esforços cognitivos e comportamentais gerados para administrar tanto internamente quanto externamente durante a situação de interação sujeito-ambiente (DELL’AGLIO, 2000).

Segundo Dell’Aglio (2000) o *coping* pode ser classificado de acordo com o foco, seja ele na emoção que é caracterizado por tentar regular o estado emocional alterado, ou no problema em que objetiva a ação diretamente no problema estressor, alterando-o, e que inclui reestruturação cognitiva como a redefinição do estressor. Entretanto, não é sempre que essas estratégias se complementam. A mesma autora ainda afirma que durante a avaliação de estratégias de *coping* em crianças é de suma importância à compreensão do contexto social em que ela está inserida.

Dell’Aglio (2000) afirma sobre as estratégias de *coping* que inicialmente eram classificadas em aproximadamente 145, contudo, Ryan-Wenger enfermeira pediátrica aglomerou em cerca de 15 categorias, sendo elas: atividades agressivas, comportamento de evitação, comportamento de distração, evitação cognitiva, distração cognitiva, solução

cognitiva de problemas, reestruturação cognitiva, expressão emocional, busca de informação, atividades de isolamento, atividades de autocontrole, busca de suporte social, busca de suporte espiritual, resistência, modificação do estressor e inação (nenhum comportamento).

Assim, a proposta de estudar algumas estratégias de *coping* utilizadas por adolescentes com direitos violados e em situação de abrigo torna-se relevante para o campo da terapia ocupacional social para nortear o processo terapêutico ocupacional desse grupo populacional, em que a forma de enfrentamento deve levar os indivíduos a ressignificar os conflitos cotidianos.

Diante disso, este estudo tem por objetivo identificar como os acolhidos enfrentam os conflitos cotidianos, onde buscou-se compreender os fatores estressores e as estratégias de *coping*.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de estudo de caso em que Freitas e Jabbour (2011) afirmam que “o estudo de caso é o método mais adequado para conhecer em profundidade todas as nuances de um determinado fenômeno”, caracterizado por Yin (2001) permite uma investigação de algum acontecimento sem reduzir a pesquisa, preservando os fatores holísticos e significativos dos eventos da rotina de cada sujeito sem descaracterizá-lo.

De acordo com André (2013) é possível identificar a tipificação de estudo de caso como flexível, pois é necessário estar atento aos novos acontecimentos durante a pesquisa, na qual possibilita e gera demanda para um acervo maior da metodologia, de instrumentos e procedimentos na coleta de dados. Para que seja contemplada a variação de dimensão que é estudada, de forma explícita, dos sujeitos da pesquisa, do contexto em que o mesmo está inserido, das situações observadas, as falas e opiniões. Ou seja, é preciso compreender o cotidiano dos sujeitos da pesquisa e gerar novas buscas e adaptações para as novas demandas, descrevendo-as de maneira detalhada.

Utilizada abordagem qualitativa com objetivos descritivo-exploratórios, que de acordo com Prodanov (2013) que é caracterizado por investigar determinado fato em que observa, registra e analisa sem manipular os dados. Esta pesquisa em campo foi realizada no período de novembro de 2017 a fevereiro de 2018, em uma instituição de acolhimento – abrigo, com 03 acolhidos, do gênero masculino, com grau de parentesco de irmãos, com idades entre 13 e 17 anos que há aproximadamente 6 (seis) anos residem em uma IA. Estes acolhidos foram selecionados após observação de um deles em conflito familiar e por conveniência os outros

dois irmãos também foram incluídos na pesquisa, foram excluídos os que residem na instituição e não fazem parte da família do grupo de estudo.

Os três participantes da pesquisa residiam anteriormente com a mãe, o padrasto e irmãos, são descritos na tabela 1, como:

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes acolhidos em que adotou-se a letra A para informar o acolhidos e o número para diversificar os acolhidos, sendo o 1 para o mais velho, o número 2 para o segundo mais velho e número 3 para o mais novo.

Caracterização dos adolescentes					
Nome	Idade	Escola	Atividades escolares	Atividades esportivas	Atividades na IA
A1	16	5º ano E. F.	Não relata	Futebol	Doméstica, jogos no computador, assistir TV, brincar com as crianças.
A2	14	5º ano E. F.	Aula de música	Futebol	Doméstica, jogos no computador, assistir TV, brincar com as crianças.
A3	13	6º ano E.F.	Não relata	Futebol	Doméstica, jogos no computador, assistir TV e visita a mãe.

Instrumentos / Coleta de Dados:

Para descrever a situação do processo, foi utilizado de diário de campo e imagens do produto final de cada encontro. Foram 7 (sete) encontros com duração de 30 (trinta) minutos em média para cada acolhido, e que foram utilizadas atividades expressivas, como desenho com grafite como meio de compreender os fatores estressores e as estratégias de *coping*.

Foram utilizados para a coleta de dados:

Tabela 2 instrumentos utilizados.

Instrumentos utilizados	
Instrumento	Conteúdo
Entrevista inicial	Dados pessoais; Composição e relação familiar; Tempo que está acolhido; Motivo pelo qual foi acolhido; Relação com o ambiente escolar; Perspectiva de voltar para casa.
Entrevista semi estruturada	O que foi realizado na instituição; O que foi realizado na escola; O que foi realizado na escola de futebol; Se a família havia o visitado.

Organização e análise de dados:

A partir das observações, anotações e conversas gravadas, foram descritos em diários de campo as falas, o comportamento, e neles os fatores estressores dos adolescentes, as estratégias de *coping*. A análise se deu através da releitura dos diários de campo em que, posteriormente foram agrupados os comportamentos e falas mais utilizados durante as entrevistas e então correlacionados com as estratégias de *coping*.

Considerações éticas

Este projeto faz parte de outro já autorizado sob CAAE: 34860014.5.0000.5546 na Plataforma Brasil intitulado Habilidades Sociais e Terapia Ocupacional em Contextos Sociais: vulnerabilidade social na infância e adolescência, submetido em 12/08/2014. Outros procedimentos como: contatos com a Secretaria Municipal de Assistência Social e a coordenação da Instituição de Acolhimento Girassol – Anna Paula dos Santos Reis a fim de obter autorização para a realização da pesquisa entre os acolhidos diante a carta de anuência da Secretária de Assistência Social e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo responsável legal dos acolhidos, foram realizados.

3 RESULTADOS

Para a descrição dos resultados encontrados, adotou-se como estrutura lógica a descrição dos procedimentos da intervenção no quadro 1, a divisão das observações por sujeitos da pesquisa assim descrita em seguida: Acolhido 1 – Acolhido 2 – Acolhido 3. Iniciando-se com a descrição dos fatores estressores no quadro 2, a caracterização do comportamento do acolhido, as principais estratégias de *coping* utilizadas que pode ser visualizada no quadro 3.

Para melhor compreensão dos resultados deste estudo de caso os procedimentos da intervenção são descritos no quadro 1.

3.1 Procedimentos da intervenção

Quadro 1. Procedimentos da intervenção

PROCEDIMENTOS DA INTERVENÇÃO	
Dia	Ação realizada
Primeiro	Articulação com a Instituição de Acolhimento;
Segundo	Visita na instituição para conhecer o ambiente físico e os acolhidos, porém só um estava presente;
Terceiro	Realização da entrevista inicial e atividade expressiva para coleta de dados, identificação de fatores estressores e as estratégias do <i>coping</i> utilizadas pelos

	acolhidos;
Quarto	Explicação para os acolhidos e realização da entrevista semiestruturada para identificar os fatores estressores e estratégias de <i>coping</i> ;
Quinto	Realização da entrevista semiestruturada;
Sexto	Realização da entrevista semiestruturada;
Sétimo	Realização da entrevista semiestruturada;

3.2 Fatores estressores

Quadro 2. Fatores estressores identificados nos sujeitos. Adota-se sim para os sujeitos que apresentaram os fatores estressores e não para os que não apresentaram-os.

FATORES ESTRESSORES			
	Acolhido 1	Acolhido 2	Acolhido 3
Relação com mãe	Sim	Sim	Sim
Morte do pai biológico	Sim	Sim	Sim
Relação com o padrasto	Sim	Sim	Sim
Desentendimento entre pares	Sim	Sim	Sim
Doença	Sim	Não	Não
Escola	Sim	Não	Não

Acolhido 1

Os resultados encontrados com Acolhido 1 sobre estresse focam principalmente na escola, na escola de futebol, na família (relação entre mãe, padrasto e morte do pai biológico), desentendimento com pares e doença.

A escola foi identificada como fator de estresse durante o discurso do acolhido que relata ter começado a estudar aos 11 anos, resultando em dificuldade em algumas disciplinas durante as aulas escolares.

A família para o Acolhido 1 é entendida, assim como para os seus outros dois irmãos acolhidos, como fator estressor, devido não cumprir o papel de uma instituição protetiva, seja por conta da mãe que não mantém uma relação afetiva, seja o padrasto que maltratava os acolhidos e a mãe, seja a morte do pai biológico.

O desentendimento entre pares é relatado em dois contextos, na escola de futebol e na IA com os irmãos. Entretanto, não foi relatado na escola fator de estresse com os pares, possivelmente pelo acolhido ser o mais velho, maior da turma e preferir não discutir nesse ambiente.

Durante a pesquisa foi possível acompanhar o processo de adoecimento do Acolhido 1, no qual ficou nítido o quanto essa condição estava gerando estresse para o mesmo.

Acolhido 2

Os resultados encontrados com o Acolhido 2 sobre estresse estavam interligados principalmente, com a família (relação entre mãe, padrasto e morte do pai biológico) e desentendimento entre pares.

A família como fator de estresse estava interligado, sobretudo com o padrasto. No qual o acolhido relata que o padrasto praticava o uso abusivo de bebida alcoólica, agressão aos acolhidos e a mãe. Apesar de breves relatos sobre a relação com a mãe que era conturbada e a recusa de falar sobre a morte do pai biológico.

O acolhido relata constantes desentendimentos entre pares, praticados no ambiente escolar e no ambiente da IA, entre irmãos e também com outros acolhidos, em que o Acolhido 2 diversas vezes envolve-se em brigas e discussões.

Acolhido 3

Diante da pesquisa obteve-se como resultado a identificação da má relação familiar (relação entre mãe, padrasto e morte do pai biológico) e desentendimento entre pares como fatores estressores.

A relação com a mãe foi identificada como principal fator estressor para este acolhido, possivelmente por ele ter a encontrado algumas vezes, seja na instituição, seja na casa dela, aproximando-os e trazendo mais estresse. Enquanto que com o padrasto a relação é menosprezada, mas que não deixa de ser estressora, pois, o comportamento agressivo do padrasto foi um dos motivos pelos quais o acolhido relatava a institucionalização. Outro fator estressor identificado durante a pesquisa foi a morte do pai biológico quando o acolhido ainda era criança pequena.

As discussões entre irmãos ou desentendimento entre pares na IA para o Acolhido 3 da pesquisa foi identificado como fator estressor.

3.3 Estratégias de *coping*

Quadro 3. Estratégias de *coping* identificadas durante o estudo. Adota-se sim para os sujeitos que apresentaram os fatores estressores e não para os que não apresentaram-os.

ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>			
	Acolhido 1	Acolhido 2	Acolhido 3
Atividade agressiva	Sim	Sim	Sim
Comportamento de evitação	Sim	Sim	Sim
Comportamento de distração	Sim	Não	Sim
Evitação cognitiva	Sim	Sim	Não
Distração cognitiva	Sim	Não	Não

Solução cognitiva de problemas	Não	Sim	Não
Reestruturação cognitiva	Não	Não	Sim
Expressão emocional	Sim	Não	Sim
Busca de informação	Sim	Não	Não
Atividades de isolamento	Não	Não	Sim
Atividades de autocontrole	Não	Sim	Não
Busca de suporte social	Sim	Não	Não
Busca de suporte espiritual	Não	Não	Não
Resistência	Não	Sim	Não
Modificação do estressor	Não	Não	Não

Acolhido 1

O Acolhido 1 utilizou a estratégia de *coping* de distração cognitiva, apresentada através de críticas infundadas da escola em que não conseguiu estudar, como “pessoas que brigam muito”, assim justificava que o problema não era com ele, mas com a escola em que ele não conseguiu a vaga para estudar.

Com relação à família o acolhido utiliza estratégias de *coping* de distração, evitação cognitiva e da expressão emocional, em que evita falar sobre o tema, mas quando relata expressa o que sente.

Diante o desentendimento entre pares foi possível observar que na escola de futebol ele utiliza da estratégia de *coping* atividade agressiva, entretanto, outras vezes utiliza o comportamento de evitação e distração. Com o desentendimento com os irmãos o Acolhido 1 utilizou estratégia de evitação cognitiva,

Com o processo de adoecimento, o adolescente utilizou da estratégia de *coping* a atividade agressiva, que quando questionado sobre o que fez quando sentiu as dores os mesmo diz : “eu bati, bati (risos)”, posteriormente, utilizou da busca por suporte social e busca de informação.

Acolhido 2

Para enfrentar o estresse da relação entre o acolhido e a mãe, foi apresentada como estratégia a evitação cognitiva, em que utilizou da fuga e quando questionado sobre a volta para casa o acolhido utiliza da estratégia de solução cognitiva de problema, sugerindo novas alternativas.

Ao deparar-se com desentendimento entre pares, utiliza algumas vezes da atividade agressiva como nesse discurso “pode perguntar a tia aí, eu to fazendo de tudo pra não ficar de mal de ninguém aí (outros acolhidos) ta todo mundo querendo que fique com raiva aí... Já dá

logo um murro nela (adolescente acolhida) pá bater a cabeça dela na parede”. Outras vezes usa o autocontrole e comportamento de evitação. A primeira estratégia, atividade agressiva, foi utilizada pelo acolhido principalmente com pessoas que possuía menos ou nenhum vínculo afetivo, como o caso de colegas de escola, novos moradores da IA e o padrasto. Já a segunda estratégia, autocontrole e comportamento de evitação, o adolescente utilizava com a mãe, irmãos e coordenadores da IA

Acolhido 3

Algumas estratégias de *coping* utilizadas pelo acolhido para enfrentar a relação com o padrasto foi o comportamento de distração, em que utiliza de estratégias comportamentais, como por exemplo, o foco em outra atividade para distrair-se enquanto o fator estressor estava próximo (fisicamente ou psicologicamente).

Outra estratégia que foi muito utilizada pelo Acolhido 3 para falar sobre a mãe é de reestruturação cognitiva, em que modifica os pensamentos para enfrentar determinada situação, enquanto que o comportamento seja o inverso da sua fala, como foi o caso da resposta se gostava da visita da mãe “gosto, né?” em um tom baixo e de cabeça baixa.

O Acolhido 3 perdeu o pai quando criança, entretanto, não falava sobre o mesmo utilizando de estratégia de *coping* de comportamento de evitação e expressão emocional, em que demonstrava tristeza e olhar vago.

Durante as entrevistas o acolhido falava sobre as atividades agressivas como enfrentamento de desentendimento entre pares, principalmente na escola.

4 DISCUSSÃO

4.1 Estresse

Diante a escola como fator estressor Dell’Aglío (2000) e Kristensen et al. (2004) afirmam que é estressora quando a escola exige dos alunos notas altas e que os mesmo não consigam atingir tal nível, resultando em repetição de ano, notas baixas, disciplinas em que o aluno não gostem, tornando um acumulador de estresse para adolescentes, gerando um ambiente de vulnerabilidade ou invulnerável para o adolescente.

A família para os três acolhidos é vista como principal fator estressor. Seja por não ter vínculo afetivo com mãe, seja a morte do pai biológico, seja a agressividade do padrasto. Bento (2012) afirma que compor uma família com vínculo forte, acolhedor, que passa segurança e de aprendizado constante é complexo e quando o membro não encontra essas características na família poderá gerar um processo adoecedor para os seus integrantes.

Para os acolhidos o ambiente familiar era regado de brigas. Autores como Schermann et al. (2014) afirmam que adolescentes que tem uma má relação com os pais apresentam maior quantidade de estresse durante outros momentos e não somente na relação mãe-filho-padrasto como aconteceu no ambiente escolar e entre pares.

Por conta dos acolhidos terem vivido nesse contexto conflituoso, eles confirmam a preferência de ficar na IA. Entretanto, Luzivaró; Galheigo (2011) afirmam que existe uma necessidade de transformar a IA em um ambiente de morada, no qual os acolhidos encontrem um local que proteja, contribua para o desenvolvimento pleno, efetive direitos como a autonomia e cuidado e não apenas um ambiente que retire o sujeito do conflito, mas que seja suporte e desenvolvedor de habilidades individuais e sociais.

Outro fator identificado no resultado foi a morte do pai biológico. Kristensen et al. (2004) afirmam que na relação familiar, a morte de um parente próximo ou não, pode ser visto como um dos principais fatores estressores em crianças e adolescentes.

Sousa; Stelko-Pereira (2016) afirmam que desentendimentos entre pares são iniciados na sua maioria por brincadeira ou pelos autores serem mais fortes do que as vítimas e tirarem proveito disso. Entretanto, o Acolhido 1 sendo o mais velho da turma na escola afirma que os colegas não o envolvem em conflitos e o mesmo não participa de conflitos. Condição diferente da escola de futebol, em que há um quantitativo maior de adolescentes da sua idade e mais velhos, gerando desentendimento.

Na relação com os irmãos foi possível observar que quando há desentendimento entre eles, torna-se um fator estressor, em que é visto por Poletto; Koller; Dell’Aglío (2009) como o quinto maior fator estressor entre os adolescentes. Dell’Aglío (2000) também afirma que cerca de 27,5% dos fatores negativos é o desentendimento com pares que pode gerar violência ou outras reações.

O processo de adoecimento relatado por Iamim; Zagonel (2011) traz que mesmo a doença sendo real para o adolescente ela só é capturada por ele quando há consciência da doença e suas consequências. Como foi pra o Acolhido 1 perceber a perda de aula, perda da escola de futebol e até mesmo de um treino de jiu-jitsu, podendo causar o estresse ou turbulência emocional.

4.2 Estratégias de *coping*

Os resultados encontrados no quadro 3 afirmam que as principais estratégias são ligadas a atividade agressiva, a fuga, esta, sendo a junção do comportamento de evitação, do comportamento de distração, da evitação cognitiva e da distração cognitiva.

Kristensen; Schaefer; Busnello (2010) afirmam que as pessoas das quais apresentam o

maior número de estresse apresentam com maior frequência as estratégias de fuga, esquiva e suporte social, tais estratégias são utilizadas principalmente quando o conflito é com adultos e/ou situações que não estão ao alcance, como a morte de um parente próximo. Em concordância a esses autores Dell’Aglío (2000) afirma que nos eventos conflituosos por situação de morada na família, as estratégias negativas (fuga e esquiva) eram maiores que as positivas (suporte social, reestruturação cognitiva, expressão emocional) de acordo com as crianças. Como acontece com um dos acolhidos, que utiliza de eventos positivos em determinadas situações.

As atividades agressivas identificadas nos três sujeitos da pesquisa é definida por Dell’Aglío (2000, p. 64) como possível de ser agressão física ou verbal em que o sujeito manifesta “raiva, ataque, destruição, grito”. Sendo notória esta estratégia durante os discursos dos acolhidos, principalmente, para como forma de enfrentar desentendimento entre pares e situação de conflito com o padrasto. Dell’Aglío (2003) afirma que entre meninos e meninas, os meninos tendem a realizar mais atividades de conflito, ou seja, atividades agressivas, utilizando da força física para enfrentar algumas situações.

Somente um sujeito da pesquisa utiliza da estratégia de isolamento, mas, Dell’Aglío (2000) afirma que estratégias como isolamento é a terceira mais comum em adolescentes institucionalizados.

Em contra partida as estratégias utilizadas pelos acolhidos Kristensen; Schaefer; Busnello (2010) afirmam que quanto mais próximo ao problema, podendo ser tanto de forma cognitiva ou comportamental, há o aumento da chance de ter habilidade para melhorar a condição de enfrentamento do sujeito para o seu bem-estar, ou seja, a fuga é vista como enfraquecedor de resolução de conflitos.

Outra forma de enfrentamento positivo é identificada por Iamim; Zagonel (2011) com adolescentes em processo de adoecimento, que apresentam estratégias de *coping* de pedir ajuda aos familiares e ter autocontrole. Contudo, a família não está presente na instituição, tendo os acolhidos a recorrer aos técnicos ou coordenação, sendo esta estratégia, de pedir informação e suporte social, utilizada como segunda opção pelo acolhido que passou por este processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se que os adolescentes não saem do posto conflituoso, mas modificam sua condição de conflito. Dessa forma, são necessárias medidas para que os adolescentes

desenvolvam estratégias de enfrentamento resolutivas, visto que atividade agressiva e fuga não são efetivas para atingir a construção da autonomia, no qual é a contribuição da Terapia Ocupacional e é o impacto social esperado pela instituição de acolhimento para os acolhidos. Diante do exposto é notável que haja o aporte de profissionais capacitados que visem o contexto social, as mudanças biológicas, as atividades cotidianas desenvolvidas pelos adolescentes para melhora do enfrentamento dos conflitos cotidianos.

6 REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, M. C. et al. Terapia Ocupacional Social: notas acerca das ações na Assistência Social e para o desenvolvimento comunitário. In: ALMEIDA, M. C. BARROS, D. D. CHAGAS, J. N. M. (orgs.). **Terapia ocupacional na assistência social**. 2013.
- ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. **Rev. da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, 2013.
- BARROS, D. D. et al. Terapia ocupacional social. **Rev. Ter. Ocup.** São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.
- BENTO, B. As famílias que habitam “a família”. **Rev. Sociedade e Cultura** Goiânia: v. 15, nº 2, p. 275-283, 2012.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 1988.
- BRASIL. Lei n. 8.742. Lei Orgânica de Assistência Social. Brasília: DF, 1993.
- BRASIL. Lei n. 8.069. Estatuto da criança e adolescente. Brasília: DF, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em 02 de agosto de 2017.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília, DF: MDS, 2009.
- CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: Da vulnerabilidade a desfiliação. **Caderno CRH**: Salvador, n. 26/27, p. 19-40, 1997.
- DELL’AGLIO, D. D. **O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes**. Tese de doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- DELL’AGLIO, D. D. O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. **Rev. Temas em Psicologia da SBP**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 11, n. 1, p. 38–45, 2003.

- FOLKMAN, S. MOSKOWITZ, J. T. Coping: Pitfalls and Promise. **Annual Review of Psychology**. California, v. 55, p. 745-774, 2003. Acessado no dia 16 de setembro às 17h00min horas em: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141456>.
- FREITAS, W. R. S. JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Rev. Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.
- GALHEIGO, S. M. O social: idas e vindas de um campo de ação em terapia ocupacional. In: PÁDUA, E. M. M.; MAGALHÃES, L. V. (orgs.). Terapia ocupacional: teoria e prática. **Rev. Papirus**. Campinas, p. 29-46, 2003a.
- GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Rev. Ter. Ocup.** São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-9, 2003b.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**, Editora: Perspectiva. São Paulo, 1961.
- IAMIN, S. R. S. ZAGONEL, I. P. S. Estratégias de enfrentamento (*coping*) do adolescente com câncer. **Rev. Psicol. Argum.** Curitiba, v. 29, n. 67, p. 427-435, 2011.
- KRISTENSEN, C. H. et al. Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. **Rev. Interação em Psicologia**. Rio Grande do Sul: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 8 n.1, p. 45-55, 2004.
- KRISTENSEN, C. H. SCHAEFER, L. S. BUSNELLO, F. B. Estratégias de *coping* e sintomas de *stress* na adolescência. **Rev. Estudos de Psicologia**. Campinas: Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 27, n. 1, p. 21-30, 2010.
- LIPP, M. E. N. **Como enfrentar o stress infantil**. São Paulo: Ícone, 1991.
- LUZIVARO, N. A.; GALHEIGO, S. M. Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. **Rev. Ter. Ocup.** São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 22, n. 2, p. 191-199, 2011.
- MALFITANO, A. P. S.; BIANCHI, P. C. Terapia ocupacional e atuação em contextos de vulnerabilidade social: distinções e proximidades entre a área social e o campo de atenção básica em saúde. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, v. 21, n. 3, p. 563-574, 2013.
- POLETTO, M. KOLLER, S. H. DELL'AGLIO, D. D. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.14, n.2, p. 455-466, 2009.
- PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Editora Feevale: Rio grande do Sul, 2ª ed. 2013.
- SCHERMANN, L. B. et al. Estresse em adolescentes: estudo com escolares de uma cidade do sul do Brasil. **Rev. Aletheia**. v. 43, n.44, p.160-173, 2014.

SOUSA, M. M. M. STELKO-PEREIRA, A. C. Relações entre violência escolar, gênero e estresse em pré-adolescentes. **Rev. Eletrônica de Educação**, Ceará: Universidade Estadual Ceará, v. 10, n. 1, p. 110-127, 2016.

ZAPPE, J. G. et al. Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. **Rev. Acta Colombiana de Psicologia**, v. 16, n. 1, p. 91-100, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Trad. Daniel Grassi - 2. ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

Roteiro da Entrevista inicial

Nome completo:

Apelido:

Data de nascimento:

Idade:

Cidade natal:

Qual ano estuda e em qual escola:

Nome do pai:

Nome da mãe:

Quantos irmãos?

Fale um pouco da sua relação com a família:

Quando chegou ao abrigo?

Lembra o motivo?

Sua mãe vem sempre/viu sua mãe/ gosta da visita?

O que você acha da escola:

Pensa em voltar para casa?

Descrição do que pode ser observado:

Roteiro da Entrevista semiestruturada

Descreva como foi sua semana no abrigo

Descreva se manteve contato com alguém da sua família

Fale de sua escola

Conte sobre as aulas na escolinha de futebol, como está sentindo sobre essa atividade.